

# Primeiras experiências de exploração sexual: um estudo sobre o processo de aproximação de adolescentes a essa realidade

Monise Gomes Serpa

Centro Universitário Franciscano – UNIFRA  
Santa Maria, RS, Brasil

## RESUMO

O objetivo desse estudo foi analisar o processo de aproximação de adolescentes à prática da exploração sexual, abordando como elas percebem essa prática e quais elementos fizeram parte desse processo. Participaram dessa pesquisa três adolescentes do sexo feminino envolvidas com a exploração sexual, com idade entre 13 e 17 anos, numa instituição voltada para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. Foram utilizadas atividades em grupo com materiais lúdicos e um roteiro de entrevista semiestruturada. Os resultados mostraram que as adolescentes percebem aspectos positivos e negativos na prática de exploração sexual. As primeiras aproximações a essa prática sofreram influências das relações ocorridas nos contextos mais próximos, família, relações de amizade, como nos mais amplos, dificuldades financeiras e fácil acesso ao mercado do sexo. Assim, a análise desse processo é fundamental para o estabelecimento de estratégias de enfrentamento que possam estar mais próximas da realidade em que elas se encontram.

**Palavras-chave:** Exploração sexual; adolescentes; primeiras experiências.

## ABSTRACT

*First experiences of sexual exploitation: a study on the process of approach of adolescents to this reality*

The aim of this study was to analyze the process of approach of adolescents to practical of the sexual exploitation, approaching as they perceive this practical and which elements had been part of this process. Participate in of that research three exploited adolescents, age to 13 e 17, in a institution dedicated to children and adolescents at vulnerability situations. Activities in group with materials playful and a semi-structure interview were used. The outcomes they showed as the adolescents they sense appearances positive e negatives in practice of exploitation sexual. The first approaches with this practical had in such a way suffered influences from the occurred relations in the contexts next, family, sexual relations of friendship and invitations, as of the global context, financial difficulties and easy access to the market of the sex. Thus, the analysis of this process of involvement with the sexual exploitation is basic for the establishment of confrontation strategies that can be next to the reality where they meet.

**Keywords:** Sexual exploitation; adolescents; first experiences.

## RESUMEN

*Primeras experiencias de la explotación sexual: un estudio en el proceso del acercamiento de adolescentes la esta realidad*

El objetivo de este estudio fue el de analizar el proceso de aproximación de adolescentes la práctica de la explotación sexual, indagando sobre su percepción de la misma y de los elementos que habían sido parte de este proceso. Participaron de esta investigación tres adolescentes de sexo femenino con edades entre 13 y 17 años, envueltas con la explotación sexual, en una institución vuelta para niños y adolescentes en situación de vulnerabilidad. Fueron utilizadas actividades en grupo haciendo uso de materiales lúdicos y una guía de entrevista semiestructurada. Los resultados mostraron que las adolescentes perciben aspectos tanto positivos como negativos en la práctica de la explotación sexual. Las primeras aproximaciones a esta práctica estuvieron influenciadas por las relaciones establecidas tanto en los contextos más próximos, familia y relaciones de amistad, como en los más amplos, dificultades financieras y fácil acceso al mercado del sexo. Se considera que el análisis del proceso de involucrarse con la explotación sexual es básico para el establecimiento de estrategias de enfrentamiento que pueden estar más próximas a la realidad en que ellas se encuentran.

**Palabras clave:** Explotación sexual; adolescentes; primeras experiencias.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo analisar a percepção das adolescentes sobre o processo de aproximação à prática da exploração sexual e quais elementos fizeram parte desse processo. Para análise dessa realidade, foi abordado o contexto histórico da exploração sexual, como esse fenômeno se apresenta na realidade do Brasil, analisando o contexto da violência sexual e a lógica de mercado do sexo.

A exploração sexual tem sido discutida em todo o mundo como uma das formas mais extremas de violação aos direitos humanos. No Brasil, as discussões sobre esse fato, incluído na categoria de violência sexual, incrementaram-se a partir de década de 90 quando o fenômeno da exploração sexual passou a ser alvo de discussões entre autoridades e pessoas ligadas à área da infância e da adolescência. Nesse período, surgiram o Movimento de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (MDDCA), o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMMR), o Fórum Nacional Permanente de Organizações Não-Governamentais de Defesa da Criança e do Adolescente, culminando na promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Ippolito et al., 2003). No início do século XX, a publicação do dossiê “Crianças da Amazônia” foi um marco na história dos direitos da criança e do adolescente no Brasil. Este dossiê denunciava a existência de meninas em situação de escravidão sexual nos garimpos no norte do país. Em resposta a toda mobilização gerada, o Congresso Nacional instaurou uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Prostituição, com o objetivo de apurar os responsáveis em diversas regiões brasileiras (Dos Santos, 2004; Libório e Souza, 2004). Um resultado da instauração da CPI foi a mobilização de diversos segmentos da sociedade, como os Centros de Defesa da Criança e do Adolescente (CEDECA), Fundo das Nações Unidas Para a Infância (UNICEF), Polícia Militar e artistas nacionais, que culminou na realização de uma campanha nacional.

O Congresso de Estocolmo, realizado em 1996, foi um marco importante no enfrentamento da exploração sexual no mundo por ter reunido e mobilizado diversos países para o compromisso com uma agenda de ações, além de ter definido o conceito de exploração sexual. No II Congresso Mundial, ocorrido no ano de 2001 em Yokohoma, as ações, traçadas no primeiro, foram avaliadas, assim como também foi ratificada a definição das quatro modalidades da exploração sexual comercial de crianças e adolescentes estipuladas pelo Instituto Interamericano del Niño, a saber: prostituição infantil, pornografia, turismo sexual e tráfico (Libório, 2004). No III Congresso Mundial, realizado no Brasil

em 2008, as discussões estiveram voltadas para a análise das ações e dos êxitos após o II Congresso Mundial, e para implementação de um plano de ação com o objetivo de prevenir, enfrentar e eliminar a exploração sexual de crianças e adolescentes ([www.iiicongressomundial.net](http://www.iiicongressomundial.net)).

De acordo com Libório (2004), a violência sexual está inserida num contexto de violência estrutural, social, interpessoal e psicológica vigente no país. A exclusão social, as propostas neoliberais e a lei do mercado estão incluídas neste cenário, sendo, portanto, uma violência gerada pela estrutura socioeconômica e política. Segundo Faleiros e Campos (2000), a história brasileira, assim como a da América Latina, foi marcada por colonização escravagista e por uma elite oligárquica dominante que tinha como característica a exclusão daqueles considerados inferiores.

Um dos aspectos salientes na exploração sexual é a violência interpessoal, que conforme Libório (2004) ocorre nas relações pessoais mais próximas, dentro ou fora da família, favorecendo a vulnerabilidade de mulheres, crianças e adolescentes. Segundo Leal (1999), a violência estrutural e social está fortemente relacionada com a violência intrafamiliar, pois a exclusão social e material, os altos índices de desemprego, a feminilização da pobreza, a discriminação por cor, raça e gênero favorecem o aumento dos conflitos interpessoais e, conseqüentemente, enfraquecem os laços familiares.

Outro fator também discutido como influenciador da exploração sexual é o mercado do sexo. De acordo com Leal (1999), o corpo infanto-juvenil é um produto do mercado globalizado do sexo que utiliza o *marketing* e a publicidade para divulgar uma lógica de hipererotização do corpo feminino, fortalecendo lógicas de submissão e desqualificação da mulher. A inclusão de crianças e adolescentes nesse mercado aconteceu por ser uma “mercadoria” de extremo valor comercial. Assim, percebe-se que a exploração envolve uma série de fatores, sejam eles sociais, culturais ou econômicos, tornando-se, portanto, um fenômeno complexo que refletirá profundamente na vida das adolescentes envolvidas.

## MÉTODO

### Delineamento

Foi utilizada a inserção ecológica, com base nos princípios do desenvolvimento bioecológico (Ceconello e Koller, 2003; Eschiletti, Paula, Moura, Poletto e Koller, 2008). Segundo as autoras, tal método consiste em analisar os processos de interação entre as pessoas e o contexto no qual estão inseridas, sendo o ambiente um aspecto fundamental de investigação já

que nele ocorrem os processos de interação. Utilizou-se também um estudo de casos múltiplos, método que permitiu uma análise mais abrangente dos dados obtidos na pesquisa (Yin, 2001).

### Participantes

Participaram dessa pesquisa três adolescentes com idade entre 13 e 17 anos em situação de exploração sexual que frequentavam diariamente um turno numa instituição voltada para adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade social. Das três adolescentes, duas mantinham envolvimento com a exploração sexual, de acordo com a instituição, e a outra envolveu-se durante os procedimentos da pesquisa. A participante A, com 17 anos, frequentava a Educação para Jovens e Adultos (EJA) no período noturno e participava da instituição há três anos. Sua família era constituída por 11 irmãos, sua mãe e uma sobrinha, sendo que duas de suas irmãs faleceram. A segunda, participante B, com 17 anos, frequentava a 8ª série e participava da instituição há dois anos. A sua família era constituída por quatro irmãos, quatro primas e a sua avó paterna. A participante C, com 13 anos, frequentava a 6ª série e participava da instituição há seis anos. A sua família era constituída por oito irmãos e sua mãe, sendo que dois irmãos e duas irmãs eram casados e não moravam com ela. Apenas a participante A mencionou estar envolvida diretamente com a exploração sexual, sendo nas demais identificados fatores de risco significativos para o envolvimento com a exploração sexual como frequentar postos de gasolina e pegar caronas noturnas com estranhos.

### Instrumentos

Para a realização da pesquisa, foram utilizadas inicialmente a observação e atividades em grupo com materiais lúdicos como papel branco e colorido, celofane e crepom, *glitter*, cartolina, lápis grafite e de cor, hidrocor, pincel atômico, giz de cera, cartões de apresentação, massa de modelar, cola, fita para presente, caixa de papelão colorida para presente e uma garrafa branca de leite vazia com tampa. Depois, foi realizada entrevista semiestruturada, que conteve questões sobre aspectos biosociodemográficos, escola, lazer, corpo, gênero, família, infância e adolescência, atividades da exploração sexual, percepção sobre si e sobre os outros, afetividade, redes de apoio e projeto de vida. Para todas as etapas foi confeccionado um diário de campo para relato das observações e impressões da pesquisadora sobre a realidade pesquisada. As perguntas foram reconstruídas e adaptadas à realidade de cada participante estudada, fazendo com que os termos fossem adequados ao contexto em que estavam inseridas.

### Procedimento

Para a realização da inserção ecológica foram feitas: 1) a inserção no contexto institucional; 2) a inserção nas atividades institucionais com as adolescentes; 3) atividades lúdicas em grupo e 4) as entrevistas individuais. Após as entrevistas, todo o conteúdo coletado no processo da inserção foi submetido à análise de dados segundo Bardin (1977/1979), sendo produzidas categorias e subcategorias, destacando as diferenças e semelhanças entre os casos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Aspectos positivos e negativos sobre a prática da exploração sexual

A forma de perceber a exploração sexual se mostrou de forma diferenciada para as participantes. Diversos fatores estão associados para que com uma das participantes em um momento a prática da exploração sexual fosse associada a uma coisa positiva, em outro fosse associada à negativa. Uma das participantes ao relatar pela primeira vez a sua experiência sobre exploração sexual a classificou como algo negativo:

*“Uma coisa horrível... Tá louco.”* (Participante A, 17 anos)

*“Eu não sabia que ela ia me levar o mau caminho, mas ela me levou né, fazer o quê.”* (Participante A, 17 anos)

Para a outra participante, a exploração sexual também foi vista como uma coisa negativa, praticada com homens adultos e como algo que ela não deveria se envolver. A expressão “homens mais velhos” costuma ser utilizada pelas adolescentes para se referirem a homens adultos com idade superior a 40 anos (Trindade, 2005):

*“Ah, ela me falava também que quando ela ia transar com os véi, e os véi dava dinheiro e isso num era bom.”* (Participante C, 13 anos)

*“Ela contava que era ruim isso, que nunca era para eu fazer isso.”* (Participante C, 13 anos)

Para a Participante C a experiência da exploração sexual vivenciada pela sua irmã foi ruim devido ao impacto provocado nas pessoas em sua volta. Tal impacto fez com que a imagem da irmã fosse estigmatizada socialmente:

*“Eu achava ruim isso por que ela tava ficando mal falada. Todo mundo falava dela.”* (Participante C, 13 anos)

*“Eu ficava desmoralizada por causa dessa história. (...)”* (Participante C, 13 anos).

O conteúdo presente nessas falas mostra o quanto a percepção sobre a prática da exploração sexual é complexa. A prática da exploração é um estigma fortemente carregado de conotações negativas por ser considerada uma prática criminosa que viola os direitos da criança e do adolescente (Libório, 2004). Porém, a percepção negativa das Participantes A e C sobre a prática da exploração não se embasou numa compreensão de violação aos seus direitos, mas numa prática que rompe as expectativas sociais e morais sobre a sexualidade feminina. O termo “*mal falada*” expresso pela participante C reflete a sua preocupação com um processo descrito por Faleiros (2004) de marginalização social e de autoexclusão de uma “vida honesta e boa” (p. 52).

A mudança do termo prostituição para exploração sexual teve como objetivo mudar a concepção de que a criança e o adolescente ao se encontrarem nessa situação estão se prostituindo de forma autônoma, mas sim de que são vítimas da prática criminosa cometida por um outro (Leal, 1999). Porém, a realidade trazida pela participante A e C mostra que mesmo com essa modificação, a exploração sexual ainda é associada à prostituição no que tange a culpabilização e condenação das mulheres envolvidas nessa prática:

*“Mas eu nem comento nada, não comento com eles isso aí que eu fazia, eu acho que eu era errada, eu era culpada por isso, fazia as coisas tudo errado, não sei ...”* (Participante A, 17 anos).

Um estudo realizado com professores de rede estadual e municipal em Presidente Prudente sobre a percepção deles em relação às adolescentes envolvidas com a exploração sexual mostrou que elas são referidas como as grandes responsáveis pelo envolvimento com essa realidade (Libório, Camargo, Dos Santos e Santos 2007). Assim, tanto a participante A como a C ao falarem da prática da exploração sexual, reproduzem o discurso social adulto discriminatório e culpabilizante sobre a adolescente envolvida.

Assim, no decorrer da pesquisa, a Participante A foi trazendo outras percepções sobre a maneira de abordar a exploração sexual, sendo atreladas a outros aspectos como ter acesso ao consumo, não só em relação aos bens materiais, mas também a locais que lhe proporcionassem lazer:

*“Aí eu fui de carro com ele e com a minha irmã. Daí nos fomos, nos fomos para bar né, para bar tomar cerveja se divertir bastante.”* (Participante A, 17 anos)

*“Que é bom fazer o sexo né, mas eu nunca experimentei né. Mas eu não sei. É bom fazer o sexo, é bom fazer um dinheiro, é bom sair de vez em quando e comer um veio aí.”* (Participante A, 17 anos)

*“Comecei a gostar e a fazer todo o dia, todo o dia, sem falta.”* (Participante A, 17 anos)

A forma como a Participante A relata a sua percepção sobre a exploração sexual mostra uma estratégia comum de algumas adolescentes envolvidas nessa prática. Segundo os relatos mostrados em um projeto de atendimento a esse público, as adolescentes inicialmente relatam a experiência como uma coisa ruim, que lhe causa vergonha e sofrimento (Teixeira, 2003). Depois, ao se sentirem mais “à vontade”, essa percepção vai mudando e dando lugar a sentimentos e idéias opostas às inicialmente abordadas, como mostrado pela Participante A. Os sentimentos ambíguos em relação à prática da exploração sexual também são mostrados por Faleiros (2004) ao abordar que as adolescentes se sentem excluídas, humilhadas ou tristes por estarem envolvidas numa prática marginalizada. Por outro lado, ao relacionar a prática a uma possibilidade de aquisição financeira, relatam sentimentos de contentamento por favorecer o acesso ao que desejam como roupas, diversão, drogas, etc. As adolescentes veem na exploração sexual uma forma de serem bem remuneradas financeiramente em comparação a outras atividades que podem desempenhar no seu contexto (Farinha e Bruns, 2006).

Assim, a Participante A ao relatar que “*comecei a gostar e a fazer todo dia*” (*sic.*), não refere a sua experiência como uma violação aos seus direitos. Em uma pesquisa realizada em Corumbá-MS, adolescentes identificadas na situação de exploração sexual não se percebiam como exploradas e nem que havia algum risco eminente nessa prática (Kassar et al., 2005). De acordo com Hazeu e Fonseca (1998), a exploração sexual pode ser vivenciada na fase da adolescência como um exercício da autonomia, liberdade e conquista.

Tais fatos podem estar sinalizando o distanciamento que existe entre a realidade da adolescente e o que tem sido discutido sobre ela pelas instâncias governamentais e não governamentais, assim como pela sociedade civil, evidenciando que os avanços com a conquista de novas leis e novas concepções sobre essa realidade ainda não conseguem atingir a adolescente que está diretamente vivenciando essa realidade. A forma como elas entendem o que fazem está coerente com a relação de troca estabelecida pelo capitalismo. Isso, de fato, pode dificultar o entendimento do estar explorada, pois o ganho financeiro adquirido com essa experiência permite sustentar o desejo de consumo, tão mantido e defendido pelo capitalismo.

### **A exploração sexual e as primeiras experiências: o assédio sexual**

Ao relatar experiências de adolescentes envolvidas na exploração sexual, Moraes (1998) explica que os

“convites sexuais” são uma iniciativa que parte de homens mais velhos, seja utilizando o dinheiro, roupas ou qualquer outro objeto de interesse da adolescente para a troca sexual. No caso da participante A, ao ficar exposta na rua com a sua irmã, o assédio aconteceu primeiro de forma indireta ao olhar e avaliá-la com bonita e “sexy” e depois quando o cliente oferece a proposta do dinheiro:

*“Ele quer te conhecer para ver se tu é bonitinha. Me achou bonita, me achou sexy. Tá e aí, tu não quer me conhecer e ganhar dinheiro? Não, eu não quero (...) não pretendo fazer nada (...)”* (Participante B, 17 anos).

Na primeira atividade de grupo a participante B relatou que quando era criança o seu pai lhe obrigava a vender balas e biscoitos nos semáforos e algumas vezes os homens que passavam mexiam com ela, oferecendo dinheiro caso ela fizesse “algo” (*sic.*) para eles. O segundo assédio ocorreu quando a adolescente se deslocava da sua casa para um outro estabelecimento:

*“Eu tinha 15 anos, daí ficou eu, ela e a minha tia, a gente foi no mercado, na padaria. Daí um homem te dou 50 reais o ti entrar aqui no meu carro. Falou, mas aí ela, eu não vou.”* (Participante B, 17 anos).

*“Quando eu estava no centro na parada chegou um homem e segurou no meu braço. Eu fui andando na frente. Nem dei bola (...). Na parada da escola também os caras de carro ficam mexendo”* (Participante B, 17 anos).

O assédio na Participante B ocorreu em dois momentos de sua vida, um quando era criança e outro quando adolescente. No primeiro, a Participante B estava obedecendo a uma ordem paterna para comercializar alguns produtos nas ruas. Porém, tal situação a tornou vulnerável a outros riscos, entre eles o assédio sexual. Segundo Faleiros (2004), a exposição de crianças ao trabalho de rua é um fator de risco significativo para a exploração sexual, tráfico, como também agressões físicas. Em um segundo contexto, o assédio ocorreu quando a adolescente se deslocava no seu bairro, quando caminhava pelo centro e quando estava no local de embarque para transporte coletivo.

Já com a Participante C o assédio sexual aconteceu quando um homem que trabalhava num posto de gasolina próximo a sua casa “alisou” (*sic.*) a sua mão quando ela lhe pedia dinheiro. Ao relatar tal fato, disse que costumava ter esse comportamento de pedir dinheiro a ele, porém nesse dia percebeu que ele “queria algo a mais” (*sic.*) com ela. Os postos de gasolina são apontados como locais propícios para a exploração sexual por ser um espaço de passagem de muitas pessoas, inclusive de

caminhoneiros (ANDI, 2007). Segundo Moraes (1998), a forma como essas adolescentes se sentem observadas e avaliadas pelo público masculino é um aspecto importante para a análise do fenômeno da exploração sexual. Ao analisar dessa forma, faz-se necessário abordar a posição dicotômica vítima e acusada que a adolescente assume socialmente quando se envolve com a exploração sexual. Tal dicotomia vem sendo discutida na perspectiva de que ao colocar a criança e o adolescente na condição de vítimas de uma violência gerada por um outrem, a responsabilidade é do adulto que comete (Libório, 2004). Assim, a adolescente sai da condição de acusação e passa para a de proteção.

No III Congresso Mundial de enfrentamento da exploração sexual de crianças e adolescentes, um dos pontos discutidos foi o quanto a perspectiva de analisar a criança como agente ativo de sua vida tem provocado mudanças na visão tradicional sobre o envolvimento da criança na exploração sexual como vítimas passivas (Ennew, 2008). Nessa discussão, foram utilizados os termos prostituição forçada e “prostituição voluntária”. Para a primeira, foram analisados os fatores já conhecidos como desigualdade econômica, violência intra e extrafamiliar, violência de gênero, etc. Porém, com relação ao termo “voluntária” as discussões foram mais polemizadas ao se questionar em que circunstâncias as crianças e adolescentes podem consentir uma relação sexual com um adulto. Segundo Ennew (2008), as crianças têm decisões ativas, porém não estão embasadas de informações completas a respeito das consequências e alternativas que essas decisões podem gerar. Porém, a autora não aponta como essas questões podem ser analisadas com relação às adolescentes. Um dos pontos colocados em questão na exploração sexual são os direitos sexuais do adolescente que reconhece a autonomia e liberdade de expressão sexual (Libório, 2004). Para a autora, os adolescentes têm competência e autonomia para exercer a sua sexualidade, mas nas circunstâncias da exploração sexual há a possibilidade de que eles sejam manipulados ou forçados a consentir a relação sexual. Por outro lado, numa pesquisa realizada por Moraes (1998), algumas adolescentes relataram que estavam na exploração sexual porque queriam e que ninguém as obrigavam a isso. Nas participantes estudadas, a figura do explorador ou do “cafetão” não esteve presente nas relações que estabeleceram na exploração sexual. Porém, para Libório (2004), de alguma maneira o consentimento da adolescente para a exploração sexual pode ser induzido com diversas estratégias de sedução que oferecem ganhos e probabilidades de mudanças na sua vida. Para a autora, essas adolescentes encontram-se em situação de vulnerabilidade pelas privações, fragilidade e inexistência de opções (p. 40).

Assim, mesmo sendo consideradas vítimas de uma violência, as adolescentes não são um ser passivo nesse processo e por isso é importante analisar como elas participaram e quais estratégias utilizaram para lidar com isso. Por outro lado, faz-se necessário considerar todo o contexto em que as participantes estavam inseridas antes de se envolverem com a exploração sexual. De acordo Saphira e Herbert (2004), anterior à escolha das adolescentes em se envolverem na exploração sexual, há um longo processo que envolve violência, pressão, coerção, hedonismo, fome e desespero. Outras autoras também afirmam que a exploração sexual não é uma escolha, mas o resultado de um contexto que não oferece opções de desenvolvimento satisfatório para essas adolescentes (Farinha e Bruns, 2006). Por isso, as autoras questionam se não é o mercado do sexo que as seleciona por não demandar delas nenhum pré-requisito profissional para o seu exercício, a não ser o fato de serem jovens e sem experiência. Partindo desse princípio, a lógica defendida de que a criança ou adolescente escolhem se “prostituir” deve ser posta em questão já que essa capacidade de escolha pode ficar comprometida pelas restrições de oportunidades impostas pelo contexto em que vivem.

### Os primeiros contatos e a experiência familiar com a exploração sexual

No relato das participantes, a experiência de familiares com a exploração sexual ou a prostituição foi um elemento presente tanto para tornar essa prática conhecida por elas, como também para aproximá-las dessa realidade. No caso da participante A, foi acompanhando a irmã no centro da cidade que ela teve acesso à prática da exploração sexual:

*“Eu não fazia nada, né. Ela fazia NE (...) eu ficava esperando ela no centro, né, na esquina ali.”* (Participante A, 17 anos)

*“É que assim, eu fui no centro com a minha irmã, a T, (...) A minha irmã fazia programa, né, a minha irmã fazia programa e ela me levou junto, né. E eu báh, será que eu vou, daí foi na hora que... báh, tá louco.”* (Participante A, 17 anos)

A participante A de início relata que ela apenas observava a sua irmã sair e voltar com os clientes dela. Porém, o fato de acompanhar não foi um processo passivo, já que constantemente se questionava se deveria participar ou não do programa. De acordo com os relatos de adolescentes envolvidas na exploração sexual mostrados em Trindade (2005), o ato de acompanhar outras adolescentes no programa sexual foi descrito como uma etapa inicial para o envolvimento com a exploração sexual. Segundo esses relatos, mesmo não fazendo o programa, as adolescentes começam

a participar do processo observando, cuidando das colegas, depois com programas envolvendo carícias até chegar ao ato sexual propriamente dito. Em cada uma dessas participações, a adolescente recebe um dinheiro diferenciado. Nessas experiências, o dinheiro foi um fator determinante para a decisão do envolvimento das adolescentes, principalmente quando saíam do programa para comprar aquilo que desejavam. No caso da participante A, o dinheiro também apareceu com um aspecto importante para a sua decisão, como mostram os relatos a seguir:

*“Eu dizia, T é bom tu fazer programa assim? É bom porque aqui é bom, porque eu ganho muito dinheiro, tu não quer fazer aqui comigo?”* (Participante A, 17 anos)

*“Eu achava que ia conseguir dinheiro. Eu achava que ia conseguir dinheiro para ajudar minha mãe, né?”* (Participante A, 17 anos)

Os aspectos positivos abordados na prática da exploração sexual por pessoas envolvidas foram significativos para a participação das adolescentes. As amigas podem ser mediadoras no processo de aproximação das adolescentes com a exploração sexual ao darem ênfase aos aspectos positivos como o dinheiro (Farinha e Bruns, 2006). Tal discurso produz uma sensação de deslumbramento com essa realidade. Esse mesmo discurso é utilizado pelos intermediários (aliciadores) que prometem uma vida melhor (ANDI, 2007). Segundo Leal (1999), na análise sobre as adolescentes envolvidas na exploração sexual faz-se necessário levar em consideração o fascínio que essa experiência desempenha na vida delas. A oportunidade de ganhar dinheiro e com isso ter acesso a alguns bens de consumo causa significativas modificações na forma de se ver no contexto social. Num relato de experiências em atendimento a crianças e adolescentes envolvidas com a exploração sexual, uma adolescente passou a se portar diferente, com aparência definida como “bonita”, “bem cuidada” e “bem vestida” (Verardo, Reis e Vieira, 1999, p.76). A participante B, ao falar de sua tia que começou na exploração sexual aos 16 anos e permanece na prostituição, a descreve como uma pessoa bonita, que se veste bem:

*“Mas ela era bem chique, ela se vestia bem (...). Ela fazia academia.”* (Participante B, 17 anos)

Assim, os ganhos obtidos com a exploração sexual fizeram com que as adolescentes não só satisfizessem as suas necessidades de sobrevivência, mas também a de ter a oportunidade de vivenciar hábitos e costumes de uma outra classe socioeconômica mais elevada que a sua. O dinheiro obtido na exploração sexual permite que as adolescentes acessem lugares e bens de

consumo que o seu padrão social e econômico anterior não lhes possibilitaria (Faleiros, 2004). Dessa forma, o desejo de mudar e ascender socialmente através do dinheiro ganho na exploração sexual é visto por essas adolescentes como uma forma de interromper com a realidade em que vivem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo conclui-se que as primeiras aproximações das adolescentes à prática da exploração sofrem influências das relações ocorridas tanto nos contextos mais próximos (microsistema), como na família e nas relações de amizade, como no seu contexto social (macrosistema), como as dificuldades financeiras sofridas e o fácil acesso ao mercado do sexo. A percepção das adolescentes sobre a prática da exploração sexual está fortemente influenciada pelas noções moralizantes sobre a sexualidade feminina, mas também pela lógica de mercado que estimula o consumo, gerando perspectivas positivas em relação à prática da exploração sexual (Faleiros, 2004). As experiências de colegas próximas ou de familiares que mostram o poder de consumo adquirido com a exploração sexual contribuem para que as adolescentes tenham expectativas de que podem melhorar a sua condição de vida com essa prática.

Foi importante observar como as adolescentes passam a participar desse processo, seja negociando, buscando clientes ou utilizando o dinheiro gasto nessa prática. Tal fato mostra que as adolescentes não apresentam um papel passivo na prática da exploração sexual. Porém, nesse processo faz-se necessário analisar como as adolescentes consentem em participar dessa prática já que nesse aspecto deve-se levar em consideração o contexto no qual elas estavam inseridas antes do seu envolvimento com a exploração sexual. Assim, para a análise dessa “escolha” é importante observar quais oportunidades surgiram para essas adolescentes no seu desenvolvimento, em que condições elas apareceram, como o contexto significou isso para elas e de que forma elas interpretam essa significação.

Nos assédios sexuais, observou-se que as adolescentes são constantemente “convidadas” a participar por homens mais velhos da exploração sexual quando estão expostas em espaços públicos, mostrando, assim, a vulnerabilidade a que as adolescentes estão submetidas, seja por serem mulheres, seja por serem jovens. Segundo Gomes (1996), os assédios sexuais de homens adultos para com as adolescentes, principalmente as que se encontram em contextos sócio-econômicos desfavorecidos, são estimulados por uma lógica perversa na qual as pessoas que têm

mais poder buscam legitimá-lo de forma violenta com pessoas que têm menos poder.

Assim, nesse estudo observou-se que as relações familiares, a rede de amizades, o fácil acesso ao mercado do sexo e o poder de consumo adquirido com a exploração sexual foram fatores significativos para que as adolescentes estudadas se envolvessem ou estivessem próximas da realidade da exploração sexual. Por isso, a análise do processo de envolvimento das adolescentes com a prática da exploração sexual, assim como os aspectos que influenciam essa aproximação são fundamentais para o estabelecimento de estratégias de enfrentamento que possam estar mais próximas da realidade em que elas se encontram.

## REFERÊNCIAS

- Agência de Notícias dos Direitos das Crianças (ANDI). (2007). *Exploração sexual de crianças e adolescentes: guia de referência para a cobertura jornalística*. Brasília: ANDI, Petrobrás e Unicef.
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Trad. L. A. Reto & A. Pinheiro. São Paulo: Edições 70/Livraria Martins Fontes. (Original publicado em 1977).
- Cecconello, A. M. (2003). *Resiliência e vulnerabilidade em família em situação de risco* [tese de doutorado não publicada]. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Dos Santos, B. R. (2004). Contribuições para um balanço das campanhas de combate ao abuso e exploração sexual de crianças e adolescente no Brasil. In R. M Libório, & S. M. G. Sousa (orgs.). *Exploração sexual de crianças e adolescentes no Brasil: Reflexões teóricas, relatos de pesquisa e intervenções psicossociais* (pp. 99-148). São Paulo: Casa do Psicólogo; Goiânia: Universidade Católica de Goiás.
- Ennew, J. (2008). Exploitation of children in prostitution. Artigo apresentado no III Congresso Mundial de Enfrentamento da Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, Rio de Janeiro, Brasil.
- Eschiletti P. L., Paula C. M. C. P., Moura, A., Poletto, M., & Koller, S. (2008). Revisando a Inserção Ecológica: Uma proposta de sistematização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21, 1, 160-169.
- Faleiros, E., & Campos, J. De O. (2002). *Repensando os conceitos de violência, abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes*. Brasília: CECRIA, MJ-SEDH-DCA, FBB e UNICEF.
- Faleiros, V. P. (2004). O fetiche da mercadoria na exploração sexual. In R. M. Libório, & S. M. G. Sousa (orgs.). *Exploração sexual de crianças e adolescentes no Brasil: Reflexões teóricas, relatos de pesquisa e intervenções psicossociais* (pp. 51-72). São Paulo: Casa do Psicólogo; Goiânia: Universidade Católica de Goiás.
- Farinha, M. G., & Bruns, M. A. T. (2006). *Adolescentes profissionais do sexo*. São Paulo: Átomo.
- Gomes, R. (1996). *O corpo na rua e o corpo da rua: a prostituição infantil feminina em questão*. São Paulo: UNIMARCO.
- Hazeu, M., & Fonseca, S. (1998). Exploração e violência sexual contra crianças e adolescentes no Pará. In M. F. P. Leal, & M. A. César (orgs.). *Indicadores de violência intrafamiliar e exploração sexual comercial de crianças e adolescentes* (pp. 57-67). Brasília, Brasil: CECRIA.
- Ippolito, R. O., Dos Santos, B. R., Nêlio, M., Rangel, P. C., De Abreu, V. I., Oliveira, M. L. M., Hezeu, M. et al. (2003). *Guia escolar*:

- Métodos para identificação de sinais de abuso e exploração sexual em crianças e adolescentes*. Brasília: Presidência da República, Secretaria Especial dos Direitos Humanos.
- Kassar, M. C. M., Mendonça, A. G., Siqueira, C., Wounnsoscky, B., Leite, D. C., Jobbins, E. F., & Santos, R. S. N. (2005). Aspectos subjetivos da percepção da exploração sexual comercial de crianças e adolescentes em Corumbá. In A. S. Silva, E. Senna, & M. C. M. Kassar (orgs.). *Exploração sexual comercial de crianças e adolescentes e tráfico para os mesmos fins: Contribuições para o enfrentamento a partir das experiências em Corumbá-MS* (pp. 33-50). Brasília: OIT.
- Leal, M. L. P. (1999). *A exploração sexual comercial de meninos, meninas e adolescentes na América Latina e Caribe: Relatório final, Brasil*. Brasília: CECRIA.
- Libório, R. M. C. (2004). Exploração sexual comercial infanto-juvenil: Categorias explicativas e políticas de enfrentamento. In R. M. Libório, & S. M. G. Sousa (orgs.). *Exploração sexual de crianças e adolescentes no Brasil: Reflexões teóricas, relatos de pesquisa e intervenções psicossociais* (pp. 19-50). São Paulo: Casa do Psicólogo; Goiânia: Universidade Católica de Goiás.
- Libório, R. M. C., Camargo, L. S., Santos, R. C. F. dos, & Santos, R. B. (2007). Saberes de profissionais de educação sobre abuso e exploração sexual: Contribuições para políticas educacionais. In M. L. P. Leal, M. F. P. Leal, & R. M. C. Libório (orgs.). *Tráfico de pessoas e violência sexual* (pp. 147-166). Brasília: VIOLES/SER/Universidade de Brasília.
- Moraes, A. F. (1998). Prostituição, trocas e convites sexuais na adolescência feminina pobre. In C. Bruschini, & H. B. de Hollanda (orgs.). *Horizontes plurais: Novos estudos de gênero no Brasil* (pp. 17-47). São Paulo: Fundação Carlos Chagas e Editora 34.
- Saphira, M., & Herbert, A. (2004). Victimization among those involved in underage commercial sexual activity. *Women's Studies Journal*, 19, 2, 32-40.
- Teixeira, L. C. (2003). Sentindo subjetivo da exploração sexual para uma adolescente prostituída. In S. Ozella (org.). *Adolescências construídas: a visão da Psicologia sócio-histórica* (pp. 67-80). São Paulo: Cortez.
- Trindade, E. (2005). *As meninas da esquina: diários dos sonhos, dores e aventuras de seis adolescentes do Brasil*. Rio de Janeiro: Record.
- Verardo, M. T., Reis, M. S. F., & Vieira, R. M. (1999). *Meninas do porto: Mitos e realidade da prostituição infanto-juvenil*. São Paulo: O nome da rosa.
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: Planejamento e métodos* (2ª ed.). Porto Alegre: Bookman.

Recebido em: 26/06/2009. Aceito em: 15/12/2009.

**Autor:**

Monise Gomes Serpa – Psicóloga Social Comunitária. Especialista em Educação pela UESPI. Mestre em Psicologia pela UFRGS. Professora de Psicologia da UNIFRA

**Enviar para correspondência:**

Monise Gomes Serpa  
Rua Professor Duplan, 88 – Ap. 401 – Rio Branco  
CEP 90420-030, Porto Alegre, RS, Brasil  
E-mail: <monise.serpa@gmail.com>